

será assinado dia 27

"milhões de dólares" para a meta de US\$ 6,5 bilhões. Mas a assinatura será na próxima sexta-feira.

O JUMBO

Faltam "algumas dezenas de

O empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões será definitivamente assinado sexta-feira, dia 27, disse ontem em Nova York o presidente do Banco Central do Brasil, Afonso Celso Pastore, informando nosso correspondente John Alius.

Assim, o jumbo somente será fechado 11 dias após a data originalmente prevista. A demora deve-se ao fato de que cerca de uma centena de bancos ainda estavam relutantes em aderir ao pacote.

"Estamos a algumas dezenas de milhões de dólares da meta", revelou uma fonte bancária em Nova York. A última cifra oficial mencionada em meados desta semana por membros do Comitê de Assessoramento de Bancos Credores do



Brasil era de US\$ 6,45 bilhões já comprometidos.

Pastore esteve muito ocupado todo o dia de ontem, em reuniões com o presidente William Rhodes, e outros integrantes do Comitê, com os quais discutiu detalhes do contrato a ser firmado no Hotel Pierre, na semana que vem, com a participação de mais de 500 bancos.

Delfim e Galvães

O ministro do Planejamento, Delfim Neto, que passa o fim de semana em Nova York, viajará amanhã à noite para Washington, onde permanecerá segunda e terceira-feira em contatos com o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Ele retornará quarta-feira a Nova York, para participar, na sexta, dos atos de assinatura do pacote de US\$ 6,5 bilhões.

Segundo nota divulgada ontem à noite pela assessoria de imprensa da Seplan, em Brasília, Delfim vai limitar-se a acompanhar os prepa-

rativos finais para a assinatura do jumbo, não participando diretamente das negociações finais objetivando a adesão dos bancos que ainda estão renitentes.

A nota da Seplan não discrimina o programa que o ministro cumprirá em Washington, afirmando apenas que ele "vai reunir-se com as diretorias do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, para com elas examinar o programa de desembolso dos financiamentos a programas brasileiros para o ano fiscal de 1984/85".

Por sua vez, o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, iniciará amanhã uma viagem ao Exterior, começando por Nova York, da qual só retornará dia 7, após manter contatos com banqueiros nos Estados Unidos, Suíça, Noruega e França. Ele chegará segunda-feira pela manhã a Nova York, onde manterá contatos com o Comitê de Assessoramento de Bancos Credores do Brasil.

Economia dos EUA cresceu

Após dois anos de recessão, o Produto Nacional Bruto (PNB) nos Estados Unidos cresceu 3,3% em 1983, informou ontem o Departamento de Comércio, assinalando que o crescimento da economia norte-americana foi o mais forte registrado desde 1979.

O moderado aumento da taxa de crescimento constitui bom prognóstico de que o reaquecimento econômico dos Estados Unidos prosseguirá, afirmaram especialistas.

Em 1981, quando se iniciou a recessão mais grave do após-guerra, a taxa baixou 1,9% e, em 1982, subiu 2,6%.

No primeiro trimestre do ano passado, ao iniciar-se a recuperação, a economia havia crescido

2,6%. No segundo, passou para 9,7%. No terceiro, o crescimento foi de 7,6%. No quarto, de 4,5%.

O governo Reagan prognosticou que a taxa de crescimento este ano girará em torno de 4,5%.

A inflação, medida em relação ao PNB, foi de 4,2%, contra 6% no ano anterior.

Segundo o Departamento de Comércio, o moderado crescimento de 4,5% registrado no ano passado se deve a menores investimentos em construções habitacionais, exportações e compras agrícolas do governo.

O ritmo de crescimento econômico no trimestre de outubro a dezembro havia sido previsto pelo departamento com base em números parciais.

O principal fator do crescimento foi o aumento do consumo, o maior dos últimos dez anos. Contudo, ficou bem abaixo da previsão do secretário do Tesouro, Donald Regan, que estimara um crescimento de até 7%.

O PNB mede o aumento do valor de todos os bens e serviços produzidos no país após descontado o efeito da taxa de inflação. Em dólares não ajustados pela inflação, o PNB atingiu uma média anual de US\$ 3,432 trilhões no quarto trimestre.

Os investimentos em estoques subiram no quarto trimestre, mas não tanto quanto no terceiro, enquanto as vigorosas vendas esvaziavam as prateleiras dos estabelecimentos comerciais rapidamente.